



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CAMPUS III CENTRO DE  
HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO DEPARTAMENTO DE LETRAS CURSO DE  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

**MARIA JAMILE GABRIELE SOARES DE MELO**

**MÃE-TRABALHADORA-UNIVERSITÁRIA: UM OLHAR SIMBÓLICO-SEMIÓTICO  
SOBRE A MULHER NA CONTEMPORANEIDADE**

**GUARABIRA 2025**  
MARIA JAMILE GABRIELE SOARES DE MELO

**MÃE-TRABALHADORA-UNIVERSITÁRIA: UM OLHAR SIMBÓLICO-SEMIÓTICO  
SOBRE A MULHER NA CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação do Curso de Letras - Português, do Centro de Humanidades, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras.

**Orientador: Prof. Dr. Jackson Cícero França Barbosa DLCH-UEPB**

## **GUARABIRA 2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M528m Melo, Maria Jamile Gabriele Soares de.  
Mãe-trabalhadora-universitária [manuscrito] : um olhar simbólico-semiótico sobre a mulher na contemporaneidade / Maria Jamile Gabriele Soares de Melo. - 2025.  
40 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2025.

"Orientação : Prof. Dr. Jackson Cícero França Barbosa, Departamento de Letras - CH".

1. Mulher contemporânea. 2. Semiótica da cultura. 3. Sociosemiótica. 4. Maternidade. 5. Jornada múltipla. 6. Simbolismo social. I. Título

21. ed. CDD 305.420981

MARIA JAMILE GABRIELE SOARES DE MELO

MÃE-TRABALHADORA-UNIVERSITÁRIA: UM OLHAR SIMBÓLICO- SEMIÓTICO  
SOBRE A MULHER NA CONTEMPORANEIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Coordenação do Curso  
de Letras Português da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito  
parcial à obtenção do título de  
Licenciada em Letras

Aprovada em: 05/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Joseane Mendes Ferreira** (\*\*\*.426.694-\*\*), em **13/06/2025 04:31:35** com chave **6f48c3c2482811f0843e1a1c3150b54b**.
- **Jackson Cícero França Barbosa** (\*\*\*.758.334-\*\*), em **13/06/2025 01:13:23** com chave **bf42c718480c11f09d201a7cc27eb1f9**.
- **Anilda Costa Alves** (\*\*\*.495.064-\*\*), em **13/06/2025 10:05:14** com chave **0b98d86a485711f094d91a1c3150b54b**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse [https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar\\_documento/](https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/) e informe os dados a seguir.

**Tipo de Documento:** Folha de Aprovação do Projeto Final  
**Data da Emissão:** 13/06/2025  
**Código de Autenticação:** b96bd6



À minha amada filha **Ágatha Maria** que em meio ao caos foi luz em minha vida, me

dando forças e sendo motivo para persistir,  
como prova de minha eterna gratidão,  
DEDICO.

“Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar; porque descobri, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir.” (Cora Carolina)

## **SUMÁRIO**

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. SISTEMATIZAÇÃO DA TEMÁTICA EM ESTADO DA ARTE: ONDE AS ABORDAGENS SE ENCONTRAM.....</b>	<b>12</b>
<b>3. CONSTRUÇÃO SIMBÓLICO-SEMIÓTICA DA MULHER EM PERSPETIVA TEÓRICA.....</b>	<b>18</b>
3.1. A mulher na contemporaneidade.....	19
3.2. Diálogos entre a sociossemiótica e a semiótica da cultura.....	21
<b>4. METODOLOGIA.....</b>	<b>24</b>

5. ANÁLISE DOS RELATOS PESSOAIS.....	25
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
7. REFERÊNCIAS.....	36

## **MÃE-TRABALHADORA-UNIVERSITÁRIA: UM OLHAR SIMBÓLICO-SEMIÓTICO SOBRE A MULHER NA CONTEMPORANEIDADE**

### *WORKING-UNIVERSITY MOTHER: A SYMBOLIC-SEMIOTIC LOOK AT WOMEN IN CONTEMPORANEITY*

Maria Jamile Gabriele Soares de Melo<sup>1</sup>

#### **RESUMO**

O artigo analisa, sob uma perspectiva simbólico-semiótica, os desafios enfrentados por mulheres que vivem a tríplice jornada de serem mães, trabalhadoras e universitárias. Parte-se da constatação de que, mesmo com avanços legais e sociais, a mulher ainda enfrenta desigualdades historicamente construídas. A pesquisa busca compreender como os simbolismos sociais moldam a imagem da mulher na contemporaneidade, especialmente no cruzamento entre maternidade, trabalho e formação acadêmica, com base nos aportes da semiótica da cultura (Lotman, 1996), da sociossemiótica (Landowski, 2014) e da teoria da refiguração (Ricoeur, 2010). Seguindo uma vertente de cunho qualitativa, interpretativa. A partir de relatos de mulheres universitárias e materiais midiáticos, analisam-se os semantismos que reforçam ou contestam estereótipos, enfatizando a necessidade de apoio social e institucional para uma construção mais equitativa da imagem da mulher. O estudo propõe uma releitura dos signos que sustentam a figura feminina na sociedade, mostrando como essas mulheres resistem e reexistem simbolicamente em meio às pressões estruturais.

**Palavras-chave:** mulher contemporânea; semiótica da cultura; sociossemiótica; maternidade; jornada múltipla; simbolismo social.

---

<sup>1</sup> Graduando/a do Curso de Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB/DL-CH, Campus III - Guarabira. Email: maria.gabriele@aluno.uepb.edu.br

---

## ABSTRACT

The article analyzes, from a symbolic-semiotic perspective, the challenges faced by women who live the triple journey of being mothers, workers and university students. It starts from the observation that, even with legal and social advances, women still face historically constructed inequalities. The research seeks to understand how social symbolisms shape the image of women in contemporary times, especially at the intersection of motherhood, work and academic education, based on the contributions of the semiotics of culture (Lotman, 1996), sociosemiotics (Landowski, 2014) and the theory of reconfiguration (Ricoeur, 2010). Based on accounts by university women and media materials, the semantics that reinforce or challenge stereotypes are analyzed, emphasizing the need for social and institutional support for a more equitable construction of the image of women. The study proposes a reinterpretation of the signs that support the female figure in society, showing how these women resist and symbolically re-exist amid structural pressures.

**Keywords:** contemporary woman; semiotics of culture; sociosemiotics; motherhood; multiple journey; social symbolism.

## 1 INTRODUÇÃO

É notória a necessidade da mulher por conquistar seu espaço em meio a sociedade. Ela está culturalmente numa perspectiva patriarcalista imposta às obrigações de casa, cuidar dos filhos e do marido, mas quando a necessidade de assegurar um futuro melhor se coaduna há também a necessidade de transformação e melhorias que são oportunizadas pelo acesso à formação em nível superior?

Na história das atribuições e funções das mulheres seus direitos sempre foram limitados e constantemente subalternizados construindo uma relação de desigualdade perante a figura privilegiada do homem, hoje a mulher pode escolher ir além daquilo que lhe era atrelado. Em 1962 foi aprovado o Estatuto da Mulher Casada (Lei nº 4121). O que garantia à mulher casada o direito de trabalhar e administrar parte dos bens, assim como seu marido, a qual só poderia fazer algo com a autorização do seu cônjuge.

Semioticamente, as culturas têm selecionado símbolos constantes que regimentam leituras, estereótipos, figurações, dentre outros romantismos que qualificam e/ou desqualificam a imagem da mulher na contemporaneidade.

Entre esses aspectos, para nossa pesquisa, selecionamos os simbolismos que emolduram a imagem da mulher que é mãe, que tem que trabalhar para sustentar seu lar e se desdobrar com as demandas formativas em um curso de nível superior.

Essa pesquisa surge de nossa inquietação enquanto sujeito identificado no prisma do objeto deste estudo: sou mulher mãe, que em meio às demandas da atividade laboral preciso me desdobrar com as cobranças de idealização e perfeccionismos impetrados pelo rigor acadêmico análogo à expectativa da sociedade contemporânea de que a mulher seja uma “heroína”, “a mulher maravilha”.

Embora a mulher esteja sempre subalternizada, acreditamos que seu heroísmo/protagonismo esteja ancorado justamente por sua força e resistência diante dos diversos desafios que ela enfrenta, sobretudo quando estes são entrelaçados à dádiva da maternidade.

A maternidade é uma fase inovadora, repleta de amor, com a gravidez surgem diversos sentimentos, dúvidas, medos e emoções. A mulher renasce junto com um filho, seu corpo, seus planos e suas prioridades estarão voltados a esta nova realidade. Mas como conciliar a vida nova, com a vida que já existia? Como ser uma boa mãe e profissional? Perguntas que surgem com frequência nesta nova fase.

A problemática desta pesquisa está voltada às limitações impostas pela sociedade para as mulheres que associam a maternidade com sua vida profissional, e formação. São compreendidas? O famoso “sexo frágil”? É possível ser mulher, lembrando de cuidar de si mesma?

Logo, a justificativa desta pesquisa volta-se à necessidade de refletir a desigualdade em que a mulher segue empregada, a partir de casos entoados na sociedade, buscando compreender como essas múltiplas funções afetam o bem-estar físico e emocional, o relacionamento familiar e o sucesso em meio às demandas de sua vida profissional. Enfatizar um descaso, a invisibilidade de mulheres que constantemente são silenciadas.

Diante de tantos simbolismos referentes à imagem da mulher na sociedade contemporânea, nos recorreremos aos pressupostos teóricos da semiótica da cultura (Lotman, 1996) e da sociossemiótica (Landowski, 2014) para analisarmos este símbolo [da mulher] (pré) definido e construído por aspectos semiotizadores/referenciais das culturas.

Objetivamos com esta pesquisa analisar como são selecionados os semantismos que simbolizam a mulher mãe trabalhadora universitária na contemporaneidade. Especificamente, nos empenharmos na construção de um estado de conhecimento sobre pesquisas que abordam a nossa temática; realizamos uma discussão teórica a respeito de como a temática ressaltada nessa pesquisa se articula aos aspectos da sociossemiótica à semiótica das culturas e; analisaremos textos/discursos que levantam a tônica simbólica da (re)figuração (Ricoeur, 2010) da mulher.

Para constatarmos, como os simbolismos são construídos e compreendidos, ou seja, semiotizados, selecionamos materializações que se articulam como

elementos de construção simbólica para refiguração da mulher mãe trabalhadora universitária: termos que voltam-se a mulher neste diapasão simbólico, ressaltamos em nossa pesquisa, relatos de mulheres estudantes universitárias do curso de letras que vivenciam os mesmos percalços. Seguindo uma metodologia de cunho qualitativa interpretativa, analisando os símbolos presentes nos relatos individuais de mulheres, mães, trabalhadoras e universitárias.

Questões que remetem a uma luta antiga, direcionando as hipóteses da pesquisa a reflexos de tradições sócio-históricas, que mesmo com anos, seguem impregnadas na sociedade. Destacar a necessidade do apoio familiar, institucional e social, proporcionando a construção de um ambiente equitativo para essas mulheres.

Além desta introdução, este artigo conta com um tópico sobre a revisão da literatura; uma fundamentação teórica abordando a mulher na contemporaneidade; teorias sociosemióticas e a representação simbólica e discursiva da mulher. Partimos para a metodologia, a análise dos dados, conclusão, finalizando com as referências.

## **2 SISTEMATIZAÇÃO DA TEMÁTICA EM ESTADO DA ARTE: ONDE AS ABORDAGENS SE ENCONTRAM**

Os desafios impostos pela sociedade para as mulheres é algo que transcende por gerações. Na atualidade a mulher ganhou voz e autonomia para correr atrás daquilo que ela quiser, mas a sociedade segue de forma dura, tornando seu percurso ainda mais desafiador, sendo comum, por pesquisadoras, mulheres que vivem na pele a realidade de lidar com a jornada desafiadora de conciliar a maternidade com o trabalho e a universidade.

Podemos observar que a temática da mulher, dentro dos processos de semiotização que selecionamos em nossa pesquisa, é abordada por diversas áreas, como por exemplo, na investigação de Mota-Santos, Azevedo e Lima-Souza (2021).

Mota-Santos, Azevedo e Lima-Souza (2021) investigam como se dá a divisão das tarefas domésticas entre mulheres e seus companheiros, evidenciando que, mesmo diante de avanços nas esferas profissional e educacional, a **imagem da mulher como figura central do cuidado e da manutenção do lar** continua predominante. Essa representação está fortemente enraizada em padrões culturais e sociais que naturalizam a responsabilidade apenas da figura feminina pelos trabalhos domésticos e pelo cuidado com os filhos.

A pesquisa se constrói sob natureza qualitativa, com 19 mulheres, mostrando que, mesmo quando há algum grau de colaboração dos companheiros, essa participação é muitas vezes vista como “ajuda”, e não como corresponsabilidade. Isso demonstra como o simbolismo atribuído ao papel feminino **ainda está vinculado à ideia de abnegação, zelo e organização do ambiente doméstico.**

Além disso, há uma ambivalência na forma como as mulheres interpretam a atuação dos companheiros: elas tendem a relativizar a sobrecarga que enfrentam e, em muitos casos, valorizam qualquer contribuição masculina como exceção positiva, o que evidencia a **internalização de padrões desiguais de gênero.**

O estudo revela que a imagem da mulher é construída e sustentada por um sistema simbólico que associa feminilidade à responsabilidade, à resiliência e à dedicação ao lar, mesmo quando ela exerce simultaneamente atividades profissionais e educacionais. Essa construção simbólica da "mulher em tripla jornada" reforça um modelo desigual de divisão do trabalho, no qual a mulher assume a maior carga física e emocional da rotina familiar.

Ao dar voz às próprias mulheres, o artigo permite visualizar os conflitos e as contradições vividas por elas, tornando evidente que, embora haja percepção de desigualdade, essa percepção muitas vezes não se traduz em questionamento ativo ou ruptura com o modelo tradicional.

Outros pesquisadores que também abordam a temática desafiadora que é a maternidade são Moreira e Nardi (2019), que juntos publicaram o artigo “Mãe é tudo igual? Enunciados produzindo maternidade(s) contemporânea(s)” analisando os enunciados relativos à maternidade que determinam o que chamam de "norma" da maternidade.

Nesta pesquisa, identificamos a **construção simbólica da maternidade, através de parâmetros de norma e naturalização**, uma vez que o estudo investiga como determinados enunciados sociais e culturais produzem uma “**norma da maternidade**”, que define um modelo idealizado de ser mãe. Essa norma associa características como o momento certo para ter filhos, número ideal de filhos e condições financeiras adequadas, estabelecendo um padrão considerado mais legítimo e adequado.

Pelo fato de uma construção social, Moreira e Nardi (2019) ressaltam que essa norma é frequentemente naturalizada, fazendo com que outras formas de vivenciar a maternidade sejam avaliadas e hierarquizadas em relação a esse modelo ideal. As

mulheres, ao internalizarem esses enunciados, muitas vezes reproduzem e reforçam essas expectativas, mesmo quando suas experiências pessoais divergem do padrão estabelecido.

Com relação à **subjetivação e tensões nas experiências maternas**, a análise das trajetórias de vida de 14 mulheres mães e trabalhadoras revelou que a maternidade é atravessada por processos de subjetivação complexos, nos quais as mulheres negociam constantemente entre suas experiências individuais e as normas sociais impostas. As participantes relataram sentimento de culpa, inadequação e sobrecarga ao tentarem conciliar as múltiplas demandas da maternidade, do trabalho e da vida pessoal.

Alves e Resende (2021), em seu artigo “**Reflexões sobre as mulheres que exercem múltiplas funções: papéis sociais, dentro e fora de casa**”, abordam a construção simbólica da mulher contemporânea que desempenha múltiplas funções sociais, tanto no âmbito doméstico quanto no profissional. As autoras analisam como os papéis atribuídos às mulheres são moldados por normas sociais e culturais que perpetuam desigualdades de gênero.

O estudo evidencia que, apesar dos avanços na inserção das mulheres no mercado de trabalho e na educação, persiste uma expectativa social de que elas assumam a maior parte das responsabilidades domésticas e de cuidado com os filhos. Alves e Resende ressaltam que nesses aspectos, o simbolismo recai sob uma espécie de **construção simbólica da mulher multitarefas**. Essa construção simbólica associa a identidade feminina à dedicação ao lar e à família, mesmo quando as mulheres acumulam funções profissionais e acadêmicas.

As autoras destacam que essa sobrecarga de funções é naturalizada pela sociedade, sendo muitas vezes internalizada pelas próprias mulheres, que sentem a obrigação de atender a todas as demandas com excelência. Essa internalização reforça a desigualdade de gênero e dificulta a implementação de uma divisão mais equitativa das responsabilidades domésticas e familiares.

Em relação à **subjetivação e tensões nas experiências femininas**, a análise das pesquisadoras revela que as mulheres enfrentam conflitos internos ao tentarem conciliar as múltiplas funções que lhes são atribuídas. Elas experimentam sentimentos de culpa e inadequação quando não conseguem atender às expectativas sociais de serem mães, esposas e profissionais exemplares. Essas tensões impactam negativamente a saúde mental e o bem-estar das mulheres, evidenciando a

necessidade de uma reflexão crítica sobre os papéis de gênero na sociedade contemporânea.

Avaliamos que o artigo contribui para a compreensão das **múltiplas jornadas enfrentadas pelas mulheres e das construções simbólicas que sustentam essas realidades**. Ao problematizar os papéis sociais atribuídos às mulheres, a autora promove uma reflexão sobre a necessidade de mudanças nas estruturas sociais e culturais que perpetuam a desigualdade de gênero.

Na área de Psicologia, Leila Sanches de Almeida (2007) evidencia que, tanto para mulheres da camada média quanto da camada popular, a função de educar e cuidar dos filhos é atribuída exclusivamente à mãe. Essa construção simbólica reforça a ideia de que a maternidade é uma responsabilidade intrínseca à identidade feminina, independentemente da inserção no mercado de trabalho.

Almeida (2007) destaca que as mulheres da camada média, que passaram a assumir simultaneamente os papéis de trabalhadora e mãe nas últimas décadas, enfrentam dificuldades em integrar essas funções. Já as mulheres da camada popular, que historicamente sempre desempenharam ambos os papéis, também enfrentam desafios, embora o trabalho assuma diferentes significados em cada grupo social.

Esta pesquisa volta-se a importância de compreender as múltiplas identidades das mulheres que trabalham e são mães, evidenciando as construções simbólicas que moldam suas experiências. Ao problematizar os papéis sociais atribuídos às mulheres, a autora promove uma reflexão sobre a necessidade de mudanças nas estruturas sociais e culturais que perpetuam a desigualdade de gênero.

Na área de Letras, as pesquisadoras Oriana de Nadai Fulaneti e Jessye Késsia de Carvalho Pereira (2021), com o artigo “Mulher, maternidade e trabalho: análise semiótica do sujeito-mãe no exame Celpe-Bras” investigam como o exame CelpeBras — destinado a avaliar a proficiência em língua portuguesa para estrangeiros — constrói simbolicamente a figura da mulher-mãe trabalhadora por meio dos elementos provocadores da prova oral.

Fulaneti e Pereira (2021) ressaltam a **Construção simbólica da mulher-mãe no discurso institucional** analisando dois textos de diferentes períodos do exame Celpe-Bras e utilizando os pressupostos da Semiótica Francesa, como também, contribuições teóricas de autoras como Simone de Beauvoir e Elisabeth Badinter. O estudo revela que, ao longo do tempo, houve uma ligeira alteração na concepção de

maternidade apresentada nos materiais do exame, refletindo mudanças nas representações sociais da mulher.

Os resultados desta pesquisa indicam que, embora haja uma tentativa de atualizar a imagem da mulher-mãe trabalhadora, **persistem estereótipos que associam a maternidade a atributos como abnegação e responsabilidade exclusiva pelo cuidado dos filhos**. Essas representações reforçam a ideia de que o papel materno está intrinsecamente ligado à identidade feminina, mesmo diante das transformações sociais e da crescente participação das mulheres no mercado de trabalho.

Quanto a **Subjetivação e tensões nas representações discursivas**, a análise de Fulanet e Pereira (2021) evidencia que o exame Celpe-Bras, ao utilizar determinados enunciados nos elementos provocadores da prova oral, contribui para a construção de uma imagem da mulher-mãe que, embora atualizada em alguns aspectos, ainda carrega traços de modelos tradicionais de gênero. Essa construção simbólica influencia a forma como os candidatos estrangeiros percebem a cultura brasileira e os papéis sociais atribuídos às mulheres.

Além disso, a pesquisa aponta para a importância de uma reflexão crítica sobre os materiais utilizados em exames oficiais, considerando seu potencial impacto na reprodução ou desconstrução de estereótipos de gênero.

Fulaneti e Pereira (2021) oferecem uma contribuição importante para a compreensão de como discursos institucionais, como os presentes em exames de proficiência, podem perpetuar ou desafiar construções simbólicas da identidade feminina. Ao analisar a representação da mulher-mãe trabalhadora no exame Celpe-Bras, as autoras destacam a necessidade de uma abordagem mais sensível às questões de gênero na elaboração de materiais educacionais e avaliativos.

A análise dos diferentes trabalhos mobilizados revela uma paisagem simbólica coerente na representação da mulher contemporânea, especialmente em suas intersecções entre maternidade, trabalho e cuidado. Ainda que cada estudo se concentre em contextos específicos — como a vivência de mulheres de diferentes classes sociais, os discursos institucionais em exames de proficiência ou as narrativas cotidianas —, é possível perceber uma estrutura simbólica amplamente reiterada: a mulher aparece, de maneira persistente, como figura central do cuidado, como gestora emocional da família e como responsável natural pela criação dos filhos. Essa

representação persiste mesmo quando ela está plenamente inserida no mercado de trabalho ou engajada em trajetórias profissionais intensas.

Ao se debruçarem sobre os discursos que moldam essa imagem, os autores dos diferentes estudos identificam a presença de normas sociais que atravessam o cotidiano das mulheres e influenciam diretamente suas percepções de si mesmas. A maternidade, por exemplo, não é apenas uma função biológica, mas emerge como um eixo simbólico estruturante da identidade feminina, sempre associado à abnegação, à culpa e ao ideal de excelência. Os trabalhos mostram que, apesar de suas diferenças temáticas ou metodológicas, há um alinhamento forte na constatação de que essas mulheres carregam a responsabilidade simbólica de múltiplos papéis — como se fosse natural que a elas coubesse integrar, sem conflitos, a esfera do trabalho e a do cuidado.

Contudo, ao contrário de uma reprodução acrítica desse modelo, os estudos também evidenciam nuances e tensões importantes. A comparação entre mulheres de diferentes camadas sociais, por exemplo, indica variações significativas na forma como o trabalho é percebido e internalizado. Enquanto as mulheres da classe média, historicamente afastadas da esfera produtiva, vivenciam a sobrecarga como uma ruptura com o modelo idealizado, as mulheres de classes populares, já habituadas à multiplicidade de funções, enfrentam desafios diferentes, mas igualmente atravessados por expectativas de desempenho e sacrifício.

Outros estudos se dedicam a examinar como discursos institucionais — como no caso do exame Celpe-Bras — contribuem para manter ou remodelar essas construções simbólicas. Mesmo nos contextos aparentemente neutros, como o de uma prova de proficiência, surgem representações que reforçam a imagem da mãe como cuidadora, muitas vezes implicando que essa identidade é universal e inquestionável. A crítica nesses casos não recai apenas sobre os conteúdos apresentados, mas sobre a forma como tais discursos circulam socialmente, legitimando certos modos de ser mulher enquanto silenciam outros.

Apesar da força normativa desses símbolos, há também espaços de fissura e resistência. As falas das próprias mulheres, suas estratégias de negociação entre demandas sociais e desejos individuais, bem como os questionamentos levantados pelos de feminilidade, também revelam a existência de brechas — discursivas, práticas e subjetivas — que desafiam tais construções. A maternidade, o trabalho e o cuidado seguem sendo elementos centrais na constituição simbólica da mulher, mas

os modos de vivenciar e significar essas dimensões estão em constante disputa. O que se vislumbra, ao final, é um campo simbólico marcado pela tensão entre a reiteração de papéis historicamente naturalizados e a emergência de experiências que demandam uma reconfiguração dessas imagens.

### **3 CONSTRUÇÃO SIMBÓLICO-SEMIÓTICA DA MULHER EM PERSPETIVA TEÓRICA**

A construção simbólica da mulher, a partir de abordagens semióticas e culturais, revela um processo de codificação socialmente ancorado, em que a identidade feminina não é dada, mas construída por meio de práticas discursivas, representações e sistemas de valor. Segundo Lotman (1996), "a cultura é um mecanismo coletivo de produção de sentido" — o que implica dizer que os significados atribuídos à mulher são produto de tensões internas a esse sistema, onde signos centrais são constantemente reiterados enquanto outros permanecem nas periferias do sentido.

Nesse cenário, a maternidade surge como um dos eixos estruturantes da simbologia feminina. Os sentidos atribuídos à mãe são perpassados por um regime moral que naturaliza o cuidado como extensão do corpo feminino. Barthes (1987), ao tratar do mito, explicita como certos discursos se apresentam como naturais quando, na verdade, são históricos e ideológicos: "o mito transforma a história em natureza". Assim, o arquétipo da mãe abnegada e multitarefa não é um reflexo da condição biológica, mas uma construção discursiva reiterada em diferentes textos da cultura — da publicidade às políticas públicas.

A semiótica discursiva francesa, especialmente nos desdobramentos da sociosemiótica (Landowski, 2014), contribui para a compreensão de como essas imagens são performadas em atos de linguagem que regulam comportamentos e subjetividades. As mulheres não apenas "ocupam" os signos da maternidade e do cuidado, mas são frequentemente forçadas a corresponder a uma encenação pré-definida de feminilidade. O sujeito feminino, portanto, se constitui na interseção entre o instituído e o possível. Nesse ponto, a perspectiva de Greimas (1975) é fundamental: o sentido não é fixo, mas resultado de um jogo de tensões entre valores, trajetos e figuras — o que permite entrever espaços de deslocamento e resistência nas práticas discursivas cotidianas.

Mesmo em contextos que buscam representar a pluralidade, como os materiais educacionais ou os discursos institucionais de gênero, observa-se a persistência de

estruturas simbólicas que reiteram o lugar da mulher como cuidadora primária e gestora do emocional. Essa codificação pode ser lida como um processo de “fixação de papéis”, no qual os signos da feminilidade são mantidos dentro de uma ordem narrativa previsível. Ao mesmo tempo, a própria dinâmica da cultura, conforme Lotman (1996) permite fissuras e rupturas, na medida em que “a periferia é o lugar do novo” — e é ali, nas experiências desviantes ou contraditórias, que se forjam possibilidades de ressimbolização. Assim, a mulher contemporânea se move em um campo simbólico tenso, marcado tanto por normas sedimentadas quanto por tentativas de reconfiguração dos sentidos atribuídos ao feminino. As experiências múltiplas e as subjetividades desviantes desestabilizam os mitos fundacionais da feminilidade e, nesse gesto, instauram novas possibilidades de leitura da mulher como sujeito de linguagem, história e desejo. A semiótica cultural, ao oferecer uma visão sistêmica e dinâmica dos sentidos, torna-se uma ferramenta potente para compreender esse embate simbólico em constante transformação.

### 3.1 A mulher na contemporaneidade

Em meio a tantas mudanças na atualidade, busca por direitos igualitários, a mulher vem se destacando como um exemplo de força e determinação. Fomos criados por mulheres, mulheres fortes, que por muito tempo abriram mão de sonhos e de suas vidas para se dedicarem completamente a suas casas e seus filhos, mães que se desdobravam para dar o melhor que lhes era possível, exemplos que receberam de suas mães e repassaram. Visões que os filmes, as novelas, o mundo midiático buscavam retratar, era comum a princesa ser a moça boazinha, obediente que aguardava por um príncipe para lhe salvar. Enquanto a vilã era aquela mulher rebelde, a mulher que vivia além dos padrões.

Por muito tempo, nascer mulher significava vir predestinada a não ter escolhas, e geralmente lhes fora ensinado em casa, como deveriam ser boas esposas. A atualidade nos trouxe portas diferentes, não é uma missão fácil, mas é possível.

A invisibilidade ao gênero feminino é algo comum, em diversas áreas distintas notamos que a voz masculina predomina. O feminismo ainda é alvo de diversas críticas, trata-se de um conjunto de movimentos sociais e políticos voltados à igualdade, buscando vencer a desigualdade de gênero. A autora Judith Butler fala em suas obras a respeito dessa busca constante, como podemos observar no trecho abaixo:

A presunção política de ter de haver uma base universal para o feminismo, a ser encontrada numa identidade supostamente existente em diferentes culturas, acompanha frequentemente a ideia de que a opressão das mulheres possui uma forma singular, discernível na estrutura universal ou hegemônica da dominação patriarcal ou masculina. A noção de um patriarcado universal tem sido amplamente criticada em anos recentes, por seu fracasso em explicar os mecanismos da opressão de gênero nos contextos culturais concretos em que ela existe. (Butler, 2003, P.17)

O fato de a mulher ter voz ativa, conquistar um cargo superior, acaba por abalar a figura masculina que acredita algum tipo de “hierarquia” em que apenas um homem pode resolver algo de grande importância.

O corpo da mulher é algo que segue subjetivado pela sociedade, a busca por padrões e aceitações, em caso, até ser visto como um objeto de desejo. Uma mulher que se encaixe nos padrões impostos pela sociedade sempre será julgada por seguir um caminho mais fácil, através de suas características físicas. A mulher vai além dessa figura de desejo, é bem mais que um instrumento de reprodução, que por seguir correndo atrás de uma vida melhor é alvo da sociedade. A autora Judith Butler aponta:

Beauvoir propõe que o corpo feminino deve ser a situação e o instrumento da liberdade da mulher, e não uma essência definidora e limitadora. A teoria da corporificação que impregna a análise de Beauvoir é claramente limitada pela reprodução acrítica da distinção cartesiana entre liberdade e corpo. (Butler, 2003, P.28)

Reforçando a conscientização da liberdade de cada mulher sobre seu próprio corpo, capaz de decidir e respeitada.

A maternidade é linda, ser mãe é uma dádiva inexplicável, a capacidade de gerar uma vida dentro do seu ventre é uma das coisas mais encantadoras da espécie humana, mas não é algo fácil. Quando nasce uma criança, nasce também uma mãe, capaz de tudo por aquela pessoinha. A mãe ressignifica sua vida, tudo que viveu antes muda com ela, lugares que frequentava, tempo, disposição, tudo passa a vir depois do filho(a).

Os desafios iniciam no período da gestação, mudanças no corpo e na mente da mulher, o ganho de peso rápido, náuseas e enjoos, queda de cabelo, hormônios

em excesso. Muitas temem o puerpério, mas os desafios surgem ainda na gestação. A vontade de sair para desopilar vai embora junto com suas roupas. Logo, ela acaba se perdendo e esquecendo de si própria, suas prioridades já são outras, se o bebê está bem, ela também está. A sobrecarga da maternidade costuma cair na mãe, figura destinada a se doar completamente nesta missão tão linda quanto cansativa.

Nos dias atuais a maternidade é vista como uma escolha, é comum ouvirmos: “Ela escolheu ser mãe” e de fato, com a quantidade de meios contraceptivos que existem na atualidade diminuíram os casos de gravidez indesejada, é comum a maternidade ser uma escolha, mas é comum haver uma limitação, como se a mulher que decidiu conceber uma criança tivesse por obrigação enterrar sua carreira, os planos e sonhos dela como mulher.

Há pouco tempo ainda, exaltavam-lhes o aleitamento como uma escolha, um direito e um prazer. Agora, o discurso mudou e tende a se tornar mais firme. Na falta de resultados satisfatórios, os promotores do aleitamento passaram para uma etapa acima, a da culpa. Fala-se cada vez menos de direito e mais de dever. Até mesmo a Academia de Medicina se torna, a partir de agora, militante diligente da alimentação dos lactentes no seio. (Badinter, 2011, P. 162.)

Mães que se desdobram para cuidar de seus filhos e não lhes deixar faltar nada costumam receber da sociedade o título de “mães negligentes”, ou de “más” o peso costuma cair na mulher que busca sempre as melhores formas para conciliar suas obrigações. É recomendado que as mães sustentem seus filhos até os seis meses apenas com leite materno, mas a licença maternidade que ela recebe em seu trabalho é de apenas quatro meses, e quando essa mesma mãe é universitária, tem um prazo bem menor, chega a ser um absurdo a cobrança e o descaso.

Não importa qual a decisão que nós mulheres tomamos, sempre haverá percalços em nossos caminhos, a partir do momento em que nos tornamos mães, nossa vida está atrelada a vida de outra pessoa, e quaisquer decisões não é mais o melhor para mim, a prioridade torna a ser nossos filhos.

### 3.2 Diálogos entre a sociosemiótica e a semiótica da cultura

A Sociossemiótica é uma vertente que busca entender como o sentido e a significação estão vinculados às práticas sociais. Distinguindo das abordagens estruturais, no qual o sentido não pode ser considerado um signo isolado, mas algo que vem se construindo nas relações entre sujeitos, com ideias e culturas distintas. Vinculando os sentidos às práticas sociais em que os indivíduos estão atrelados.

“Menos que uma análise do sentido realizado, [...] nas coisas que nos circundam ou nos comportamentos que nós observamos —, a sociossemiótica se propõe como uma teoria da produção e da apreensão do sentido em ato.” (Landowski, 2014, P. 12) O sentido não pode ser abordado como algo padrão, as relações de cada indivíduo vão moldando sua visão de mundo, de acordo com aquilo que a sociedade lhe impõe.

De forma em que o sentido da mensagem vai além da codificação e decodificação, mas atrelada às relações do sujeito, no qual, é notório as influências presentes no diálogo com outros indivíduos, contexto familiar, crenças, redes sociais e discursos midiáticos.

Segundo Santaella (1983, p. 13) “a Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido”, presente em meio a linguagem, de forma que cada segmento partilha seu sentido, acompanhando seu percurso desde a palavra dita até sua imagem formada. A semiótica cultural é uma vertente que estuda o signo em meio a sociedade, para a semiótica, a cultura é um mecanismo voltado a receber, traduzir e interpretar a mensagem presente na vida cotidiana expressando por meio de signos.

As culturas são formadas por um imenso sistema de signos, que transcendem o imaginário, com símbolos que representam múltiplos pontos da sociedade, que representam algo por arranjo cultural, que é aprendida e socialmente compartilhada. Não necessariamente haverá semelhança entre os símbolos em permeados na sociedade, é um conceito que surgiu em um determinado tempo e segue enraizado.

A mulher, desde os primórdios, tem sido historicamente representada por meio de símbolos que expressam expectativas sociais, arquétipos e visões de gênero, ponto de vista muitas vezes que não nos representa, ou apenas uma parcela de quem ela é idealizada por figuras masculinas. Essas representações são múltiplas e muitas vezes contraditórias, variando entre a idealização e a marginalização, voltada a idealização da mulher perfeita.

A figura masculina sempre desdenhou da superioridade em meio aos gêneros, a mulher uma figura submissa, sendo lhes ensinado desde cedo as obrigações de uma mulher. Como afirma a autora a seguir:

Mas uma questão imediatamente se apresenta: como tudo isso começou? Compreende-se que a dualidade dos sexos, como toda dualidade, tenha sido traduzida por um conflito. Compreende-se que, se um dos dois conseguisse impor sua superioridade, esta deveria estabelecer-se como absoluta. Resta explicar por que o homem venceu desde o início. Parece que as mulheres deveriam ter sido vitoriosas. Ou a luta poderia nunca ter tido solução. Por que este mundo sempre pertenceu aos homens e só hoje as coisas começam a mudar? Será um bem essa mudança? Trará ou não uma partilha igual do mundo entre homens e mulheres? (Beauvoir, 2009, P.15)

Em diálogo, a semiótica da cultura, desenvolvida por Iúri Lotman e pelo Círculo de Tártu-Moscú, compreende a cultura como um sistema de linguagens e textos, nos quais os sentidos são organizados, distribuídos e transformados. Para Lotman (1996), "a cultura pode ser entendida como um mecanismo de memória coletiva", uma semiosfera onde os signos circulam em constante diálogo, produzindo significados por meio de relações de diferença, hierarquia e fronteira. Nessa perspectiva, a identidade não é um dado, mas uma construção discursiva produzida em sistemas simbólicos, sendo o feminino um desses sistemas altamente codificados.

Aplicando essa matriz teórica à figura da mulher na contemporaneidade, notamos que sua representação simbólica é tensionada por estruturas de sentido herdadas e atualizadas dentro da semiosfera. A tríplice jornada — ser mãe, trabalhadora e universitária — aparece como uma figuração simbólica densa, que articula elementos de múltiplas esferas culturais. A mulher, nesse contexto, encarna não apenas papéis sociais distintos, mas convergências simbólicas que reiteram sua centralidade no campo do cuidado, da produção e da formação. A semiótica da cultura permite compreender que essa centralidade não é natural, mas produto de textos da cultura que repetem, adaptam ou contestam modelos anteriores de feminilidade.

A maternidade, por exemplo, é frequentemente apresentada como um texto arquetípico, um núcleo estável no imaginário social. Contudo, ao adentrar o espaço universitário e o mercado de trabalho, a mulher carrega esse texto consigo, ressignificando sob novas camadas discursivas. Como aponta Lotman (1999), os

textos da cultura são passíveis de translação e reinterpretação, de modo que a mulher-mãeuniversitária representa um ponto de fusão simbólica, no qual distintos códigos culturais se sobrepõem. O corpo feminino, portanto, torna-se um espaço semiótico no qual se projetam expectativas e contradições sociais — o ideal de desempenho acadêmico, a excelência materna, a dedicação profissional.

Neste ponto, a convergência com a sociossemiótica é particularmente produtiva. Enquanto a semiótica da cultura foca na macroestrutura dos textos sociais e nas lógicas de transformação simbólica, a sociossemiótica, como propõe Eric Landowski

(2014), observa os regimes de interação e os modos pelos quais os sujeitos produzem sentido em situações concretas. A mulher da tríplice jornada é, assim, tanto um signo recorrente nos textos da cultura quanto um sujeito que negocia sentidos em práticas discursivas cotidianas. Há, portanto, uma articulação entre estrutura e performance: o modelo simbólico é reconhecido, mas também é tensionado, ajustado, negociado.

A convergência entre essas duas vertentes da semiótica revela que a figuração simbólica da mulher na contemporaneidade não se reduz a um signo fixo. Ela emerge da dinâmica entre as regularidades culturais (semiótica da cultura) e os desvios performativos (socossemiótica), num processo contínuo de produção de sentido. Nesse embate, a tríplice jornada se torna não apenas uma condição social, mas uma forma simbólica potente — ora reforçando papéis tradicionais, ora abrindo brechas para novos modos de significar o feminino.

#### **4 METODOLOGIA**

A pesquisa em questão segue uma vertente de cunho qualitativa e interpretativa, fundamentada a partir da análise sociossemiótica. A abordagem qualitativa busca compreender as significações e construções em meios sociais, no qual, relacionamos à experiência de mulheres que enfrentam a tríplice jornada, sendo mães-trabalhadoras-universitárias, enquanto a perspectiva interpretativa visa captar os sentidos produzidos nos discursos analisados.

O *corpus* foi constituído por relatos de mães-trabalhadoras-universitárias, depoimentos escritos com o objetivo de compreender as estratégias de organização da vida acadêmica, os desafios encontrados em seu meio profissional e familiar.

Selecionamos recortes dos relatos em que notamos a construção simbólica evidenciada nesta pesquisa se fizesse de maneira mais contundente, revelada pela compreensão dos sujeitos semiotizados, através da mobilização dos simbolismos discursivos presentes em suas colocações.

Destacamos que as semioses analisadas são frutos de vivências e sentimentos dos sujeitos. O teor subjetivo da constatação dos semantismos se concentra na autoidentificação dos mecanismos de semiotização e construção simbólicas que são acionados pelos relatos.

Assim, de acordo com o que preconiza o campo da sociosemiótica, consideramos os seguintes critérios: Atores sociais; cenários; papéis temáticos e regimes de sentido (Landowski, 2014). Em que levasse em conta o ambiente e apoio que recebem em suas jornadas.

## 5 ANÁLISE DOS RELATOS PESSOAIS

Entre tantos desafios que surgem pelo caminho de uma mulher que é mãe, trabalha e estuda, o maior deles é o sentimento de culpa, é comum a mãe optar por abdicar da universidade e trancar o curso por tempo indeterminado. As mães que insistem em conciliar a tríplice jornada, são taxadas de “irresponsáveis”, além da pressão que nós mesmas nos impomos, poucos nos compreende, e somos taxadas como “más”.

Para melhor abordarmos esta pesquisa, foram coletados relatos de mulheres que passam ou passaram pelo desafio de conciliar a maternidade-trabalho-universidade, todas alunas de Licenciatura em Letras Português, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) - Campus III.

Com base nos critérios da sociosemiótica, propostos por Eric Landowski (2014), é possível analisar relatos de mulheres inseridas na tríplice jornada (mãestrabalhadoras-universitárias) como composições simbólicas que articulam papéis simultâneos e muitas vezes conflitantes.

Essas mulheres, enquanto **atores sociais**, se apresentam como sujeitos polifônicos, cuja identidade é mediada por normas culturais, discursos institucionais e práticas cotidianas. Não há uma mulher unívoca, mas uma multiplicidade de posições que se sobrepõem. Elas são mães — o que as conecta a um campo simbólico afetivo e moral —, mas também são agentes produtivas no trabalho e intelectuais em

formação universitária. A conjunção desses papéis exige delas uma negociação permanente de sentidos, que se expressa tanto nas narrativas quanto nas práticas.

O **cenário** em que esses papéis são desempenhados é marcado por zonas de sobrecarga simbólica e material. O lar, o ambiente de trabalho e o espaço acadêmico não são lugares estanques, mas atravessados uns pelos outros. A casa deixa de ser apenas doméstica e passa a ser espaço de produção acadêmica e laboral; o trabalho formal absorve demandas emocionais geralmente ligadas ao cuidado; e a universidade assume tanto o lugar da autonomia quanto da pressão. Essa hibridização de espaços provoca um embaralhamento simbólico, no qual os limites entre público e privado, produção e reprodução, tornam-se instáveis.

Os **papéis temáticos** dessas mulheres oscilam entre a heroína resiliente, que dá conta de tudo, e a figura culpabilizada, constantemente insuficiente perante os ideais normativos de cada esfera. Tais papéis são roteirizados por textos culturais que idealizam a mulher “forte”, multitarefa, ao mesmo tempo em que silenciam a exaustão e o conflito subjetivo. A sociossemiótica permite identificar aqui um regime de **ajustamento**, no qual as mulheres produzem sentido na base da adaptação constante, buscando compatibilizar expectativas sem romper com os modelos centrais da cultura.

Finalmente, os **regimes de sentido** que emergem desses relatos evidenciam duas dinâmicas principais: o regime de **programação**, no qual os comportamentos são pautados por normas rígidas e metas pré-definidas (como a produtividade acadêmica ou a dedicação materna total), e o regime de **ajustamento**, onde prevalece a negociação e o improvisado. Nesse segundo regime, as mulheres não apenas executam funções; elas interagem com as contingências, desviam, criam saídas, constroem arranjos táticos. É nesse espaço que se abre a possibilidade de resistência simbólica — não como ruptura total, mas como microdesvios que desafiam os modelos dominantes de feminilidade.

Assim, a construção simbólica da mulher inserida no tríplice jornada, à luz da sociossemiótica e da semiótica da cultura, revela um campo de tensão entre a reprodução de papéis sociais historicamente codificados e a emergência de subjetividades que os atravessam criticamente, ressignificando o que significa ser mulher no espaço contemporâneo da maternidade, do trabalho e da formação acadêmica.

Os relatos preservam as identidades dos sujeitos, que aqui, para fins de organização e mobilização da atividade de análise, são identificados com letras do alfabeto.

**(A):** *Uma Mãe que trabalha fora. Antes mesmo de ser mãe, nos autopunimos; Eu trabalhava, estudava e ao descobrir a gravidez me deparei com diversas incógnitas. Uma Mãe que trabalha fora. Antes mesmo de ser mãe, alto nos punimos; Eu trabalhava, estudava e ao descobrir a gravidez me deparei com diversas incógnitas. Como iria lidar com um ser 100 por cento dependente? Quais seriam as reações tanto familiares quanto no ambiente de trabalho? Como eu daria conta de continuar estudando?*

Esse relato revela de forma nítida a complexidade simbólica da figura da mulher no contexto da tríplice jornada, quando analisado à luz da sociosemiótica de Eric Landowski (2014). Nele, a narradora atua como **ator social** multifacetado, atravessado por papéis que se interpenetram: ela é trabalhadora, estudante e, em vias de tornar-se mãe, encara a sobreposição de sentidos atribuídos a esses papéis.

Dúvidas constantes que tomam conta da cabeça dessas mulheres, seu rendimento também diminui, principalmente nessa fase inicial. “um ser 100% dependente” podemos notar nesse trecho um símbolo de dependência total, que retrata a responsabilidade integral da figura materna, principalmente nos anos iniciais. Reforça também o peso emocional e físico da maternidade. A culpa antecipada, acredito que todas nós sentimos, estar ausente na vida de um bebê que a pouco tempo fazia parte de você, o sentimento de falhar, o estresse pela sobrecarga, semanticamente, esse sentimento está associado a certos padrões sociais da “boa mãe” e “boa profissional” como se os dois juntos não fossem possíveis. Nesse aspecto,

Regulando os comportamentos enquanto práticas significantes, programando-os num modo propriamente sociosemiótico, esse tipo de concreções socioculturais - ritos, usos, hábitos - introduz um coeficiente de previsibilidade nos comportamentos e, desse modo, fornece uma base que permite definir, em relação com os atores sociais, procedimentos interativos

eficazes, a meio caminho entre manobras fundadas sobre o conhecimento de determinações estritas, de ordem causal, e manipulações estratégicas, que apelam diretamente à competência modal das pessoas-sujeitos. (Landowski, 2014, p. 58)

Verificamos, assim, que hábitos moldam os comportamentos sociais de maneira que eles passem a funcionar como práticas carregadas de significado. Esses comportamentos acabam sendo organizados segundo lógicas sociais e semióticas, o que os torna relativamente previsíveis. Essa previsibilidade, por sua vez, permite que as interações entre as pessoas se tornem mais eficazes, pois cria uma base comum de entendimento. Assim, a regulação dos comportamentos se dá em um nível intermediário: ela não é determinada de forma rígida por causas externas nem se reduz a estratégias manipuladoras que dependem apenas da vontade ou da capacidade individual de ação, mas articula elementos de ambos os lados.

Como afirma uma das mães que vive esse tríplice jornada:

**(B):** *Ser mulher é um desafio e tanto, pois, para buscar um emprego dos sonhos temos que estudar bastante, porém, a dificuldade só começa mesmo quando além de mulher, estudante e trabalhadora, somos esposa e mãe.*”

Notamos também, o ideal de continuidade, luta por realização pessoal, o sonho da graduação, em cada um dos relatos, há o ideal da mãe que deseja concluir, que apesar da dificuldade sua força de vontade segue firme.

Enquanto **ator social**, a mulher é semiotizada como sujeita a múltiplas exigências simultâneas, sendo sua existência marcada não pela escolha, mas pela acumulação de funções. O enunciado “ser mulher é um desafio e tanto” já configura uma **marcação semiótica** (do feminino como lugar de esforço, provação e sobrecarga. Não se trata apenas de uma identidade de gênero, mas de um papel simbólico sustentado por expectativas sociais internalizadas.

Como podemos observar no relato a seguir:

**(C):** *Minha experiência enquanto mãe e estudante universitária foi e continua sendo um desafio. Ainda gestante tranquei um período, por não conseguir conciliar os estudos com o período de gestação, após o*

*nascimento do meu filho tranquei mais dois períodos, eles foram trancados por motivos de não ter rede de apoio, e também, por falta de informação.*

É possível identificar a repetição excessiva da dificuldade, marcadas por “desafio”, e “não consigo”, um sujeito que está moldado como alguém que almeja, mas não pode realizar seus projetos. A competência e a performance são vistas nesses discursos, no qual o indivíduo é capaz, mas seu desenvolvimento pode ser afetado devido a sobrecarga. Percalços que surgem e direcionam a universitária a trancar o curso, sem haver um tempo ideal para retornar. Tendo em vista que a criança até os dois anos depende totalmente de sua mãe.

Em se tratando da semiotização de **papéis temáticos**, a mulher assume a configuração de uma figura idealizada — multitarefa, resiliente, competente — mas simultaneamente atravessada pela precariedade emocional e simbólica de tentar “conciliar tudo”. Este papel, como aponta a semiótica da cultura (Lotman, 1996), é reiterado nos textos sociais como norma, ainda que inviável em sua totalidade. Ao mesmo tempo, o relato denuncia o **paradoxo semiótico**: a mulher precisa provar constantemente sua legitimidade em cada um desses papéis, como se a sobrecarga fosse condição de reconhecimento.

Em termos de **regimes de sentido**, o relato opera entre o **regime de programação**, que estrutura a vida da mulher por metas e normas (estudar, trabalhar, cuidar, ser parceira), e o **regime de ajustamento**, perceptível no uso do termo “desafio”, que aponta para a tentativa de conciliar ou resistir a essas normas. Essa oscilação revela uma tensão simbólica fundamental: embora o discurso afirme a potência da mulher contemporânea, o próprio enunciado traz a marca da dificuldade, do excesso e do peso simbólico de “ter que ser tudo”.

Sem condições de equilibrar tudo nesta “Corda-bamba”, sentir que falhou, não conseguir se concentrar, sua competência omitida pela exaustão.

**(A):** *Foi desafiador mudar toda uma rotina e ter que fazer escolhas, foi difícil, por vezes me pegava chorando, por vezes me pegava sem ter uma solução para a situação no momento e foram surgindo as dificuldades, o suporte estudantil não foi adequado a minha realidade me deram 1 mês de licença maternidade, pensei como vou conseguir?*

*É tudo muito novo tem um ser totalmente dependente de mim que se alimenta de mim, sem falar do deslocamento de uma cidade para a outra e o coração apertado por deixar uma recém nascida em casa com o pai, não tive escolhas tranquei o curso.*

O choro muitas vezes associado a fraqueza, ele que surge para lembrarmos que mesmo tentando fazer tudo da melhor forma, ainda somos seres humanos, apesar de muitas vezes nos associarem a figura de tamanha força sobrenatural. A mudança repentina no nosso corpo, hormônios e dos nossos planos, o choro deixa de simbolizar fraqueza e se torna símbolo de força e amor.

Este relato evidencia com profundidade os conflitos simbólicos vividos por mulheres que experimentam a tríplice jornada. Com base em **Landowski (2014)**, podemos observar a atuação da mulher como **ator social** imerso em múltiplas demandas institucionais, afetivas e corporais. Ela é mãe, estudante, desloca-se entre cidades e, sobretudo, está em situação de vulnerabilidade emocional e estrutural — o que desestabiliza o discurso dominante da mulher multitarefa como figura de potência contínua.

O **cenário** é marcado pela inadequação estrutural: o ambiente universitário não oferece suporte compatível com a sua realidade de puerpério, exigindo um ajuste unilateral da mulher ao sistema, e não o contrário. A concessão de apenas um mês de licença-maternidade não apenas evidencia a rigidez do **regime de programação**, mas reforça um modelo institucional que normatiza o corpo e o tempo das mulheres sem considerar sua especificidade simbólica ou subjetiva.

Com relação à mãe D:

**(D):** *No entanto, conciliar os cuidados com minha filha, as demandas acadêmicas, os prazos, as provas... É muito desafiador e cansativo, confesso que houve momentos em que pensei que não daria conta. As noites mal dormidas se somavam às horas de estudo, e muitas vezes me senti dividida entre a necessidade de estar presente para minha filha e a urgência de entregar um trabalho ou estudar para uma prova.*

A constância do sentimento de incapacidade, desafios, cansaço e o pensamento voltado a desistência. É possível identificá-los no decorrer de todo o trabalho, a representação verbal de sentimentos que surgem no decorrer do processo.

O **cenário** é o da casa transformada em espaço híbrido, onde o afeto e a produtividade competem. A referência às “noites mal dormidas” e à sensação de estar “dividida” aponta para um território simbólico marcado pela cisão entre dois mundos: o da maternidade, estruturado pela presença contínua e emocional, e o da academia, regimentado por prazos, provas e resultados — elementos do **regime de programação**, que impõe temporalidades lineares e rígidas.

Nos **papéis temáticos**, a mulher aparece como figura descentrada: não é apenas mãe ou estudante, mas simultaneamente ambas, sendo interpelada por sentidos conflitantes. O enunciado “houve momentos em que pensei que não daria conta” explicita a fratura entre o ideal normativo de eficiência e a realidade vivida de limitação e cansaço. Essa figura feminina contrasta com os modelos heroicos frequentemente atribuídos às mulheres multitarefas, denunciando a insuficiência simbólica desses arquétipos.

No campo dos **regimes de sentido**, há um embate direto entre o **programado** (estudo, entregas, exigências formais) e o **ajustado** (gestão emocional, presença afetiva, cuidado improvisado). A mulher, ao se sentir “dividida”, revela uma semiose que não encontra integração plena — a tensão entre presença e desempenho torna-se o eixo simbólico de sua vivência. Essa experiência de fratura não aponta apenas para um desafio individual, mas para um descompasso cultural entre as demandas da vida acadêmica e as realidades da maternidade.

A idealização da mulher perfeita é algo que cai com frequência sobre as mulheres, que assim como estas, equilibram uma tríplice jornada **(B)**:

*“Lembrando que também não somos de ferro, temos que tirar um tempinho para cuidar da nossa saúde mental, corporal e espiritual.”  
Esse ideal da mulher de aço, a simbologia da “mulher-maravilha”*

como se pudéssemos carregar o mundo em nossas costas. O símbolo desse personagem costuma representar a figura da mãe em meio a sociedade, de fato, não somos de ferro! A força dessas figuras que apesar de tudo, toda sobrecarga, seguem firmes com um sorriso no rosto para com seus filhos.

Este relato destaca um ponto crucial na construção simbólica da mulher na contemporaneidade: a **naturalização da sobrecarga** como virtude. A fala “lembrando que também não somos de ferro” atua como contraponto à figura simbólica da “**mulher-maravilha**” — um arquétipo cultural que, segundo a **semiótica da cultura** (Lotman, 1996), cristaliza expectativas de resistência incondicional, eficiência múltipla e negação do cansaço.

Na perspectiva da **sociossemiótica de Landowski (2014)**, a mulher aqui representada é um **ator social** que vive sob a pressão de um **regime de programação**, no qual espera-se dela uma performance constante, sem falhas. O **cenário** simbólico é um cotidiano sem pausas, onde o tempo pessoal e o autocuidado são excluídos da lógica da produtividade — e, por isso, precisam ser reivindicados como exceção, um “tempinho” arrancado da rotina.

O relato denuncia o peso do **papel temático** da mulher como ser incansável. A metáfora do “ferro” e da “mulher-maravilha” é mais que ilustrativa: ela encena o conflito semiótico entre o **imaginário da potência total** e a realidade da exaustão. A evocação de dimensões como a saúde “mental, corporal e espiritual” sugere uma tentativa de **regime de ajustamento**, em que a mulher tenta recuperar um sentido de humanidade que o imaginário heroico lhe nega.

Essa oscilação revela uma crítica cultural sutil: a glorificação da resiliência feminina esconde uma forma de **violência simbólica**, pois atribui valor à superação sem oferecer estrutura. A mulher, nesse contexto, torna-se símbolo de resistência silenciosa, enquanto suas necessidades básicas são tratadas como luxo ou desvio.

Assim, o relato revela uma figuração simbólica marcada pela tensão entre o **modelo idealizado da mulher indestrutível** e a experiência real de fragilidade. A **convergência entre sociossemiótica e semiótica da cultura** permite reconhecer que essa narrativa, embora individual, participa de um texto cultural mais amplo — onde as mulheres ainda lutam para legitimar o direito ao descanso, à dor e à falha como parte da condição humana, e não como sinal de fraqueza.

As narrativas das mulheres que enfrentam a tríplice jornada — mãe, trabalhadora e universitária — revelam não apenas relatos individuais de experiência, mas também trajetórias simbólicas que se constroem em meio a tensões e reconstruções. Cada enunciado carrega o embate entre papéis socialmente prescritos e as vivências reais que desafiam os limites do corpo, da linguagem e da estrutura social. Ao narrar suas dificuldades, rupturas e resistências, essas mulheres mobilizam

símbolos e signos que vão além do testemunho, realizando um processo ativo de significação e ressignificação de si.

Paul Ricoeur (2010) propõe que, no entrelaçamento entre a narrativa e a identidade, opera-se o que chama de *refiguração* — um processo em que a subjetividade se reorganiza a partir da mediação simbólica entre o mundo do texto e o mundo da ação. É nesse espaço de negociação que a mulher, antes vista a partir de imagens fragmentadas ou idealizadas — como a “mulher-maravilha” ou a “mãe abnegada” —, passa a reconstituir a si mesma. O testemunho da frustração diante do suporte institucional ausente, das noites sem dormir e das exigências acadêmicas que ignoram a dimensão materna não são sinais de fraqueza, mas dispositivos narrativos de resistência que instalam uma nova trama simbólica.

A dor da escolha, o cansaço da jornada, o sentimento de culpa por não estar plenamente em nenhum dos espaços — casa, trabalho, universidade — ganham sentido na tessitura narrativa que reorganiza o vivido. Ricoeur (2010) destaca que não se trata apenas de relatar o que aconteceu, mas de *configurar* a experiência, rearticulando os eventos num enredo que dê conta da complexidade do sujeito. A refiguração, então, torna-se ato político e poético, capaz de desmontar imagens que aprisionam e produzir novas formas de reconhecimento.

Nesse percurso, a tríplice jornada não é apenas um acúmulo de tarefas, mas um campo simbólico que exige novas figuras identitárias. As mulheres entrevistadas mostram-se agentes dessa transformação ao problematizar os sentidos cristalizados, ao reivindicarem o cuidado de si e ao recusar o mito da supermulher. Suas falas não apenas descrevem realidades, mas apontam para uma insurgência semiótica que, conforme Ricoeur (2010), reorienta o imaginário social por meio da narrativa. Assim, suas histórias figuram novos modos de ser e estar no mundo — formas nas quais resistir é também reexistir.

Consequentemente, nós mulheres-mães-trabalhadoras-universitárias, nos deparamos constantemente com julgamentos e falta de empatia, essa fase ressignificando nossas vidas, transformando tudo que fomos em algo novo, um período sensível e delicado que ressignifica a força da mulher.

Palavras como “força”, “desafio”, “sonhos” são comuns em meio a temática, símbolos que retratam a mulher que enfrenta a tríplice jornada, persistência feminina em conciliar a maternidade, o trabalho e a universidade. O fato de se tratar de uma jornada desafiadora ganha destaque, e de fato é. O desequilíbrio emocional interfere

em seu desempenho, o sentir-se dividida, sair de casa deixando com alguém aquela pessoa que a pouco era parte de você.

A palavra “desafio” surge com frequência em todas os relatos, esse desafio pode ser associado a dualidade simbólica, o amor e a exaustão juntos na mesma figura, a mãe que cuida de seus filhos; faz de tudo para suprir sua ausência no tempo que temos juntas e aproveita quando o bebê dorme para estudar e pôr em dia as demandas da universidade. A barreira surge interligando a maternidade a algo que impede essa mãe de seguir, como se houvesse construído um “muro” em que o melhor é ela parar por ali, sempre limitando e direcionando a mãe a se podar, seus sonhos já não é prioridade. O sonho representa sua meta, que mesmo exausta ao fim do dia, corre para cumprir aquilo que almeja, no qual, aparece também a força, em cada detalhe, notamos a força de uma mãe, reconhecendo a garra e dedicação.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final deste estudo, evidenciamos a complexidade da construção simbólica da mulher na contemporaneidade, especialmente no recorte da tríplice jornada — mãe, trabalhadora e universitária. A partir da articulação entre a semiótica das culturas e a sociosemiótica, foi possível identificar como os semantismos que simbolizam essa figura multifacetada são selecionados, negociados e tensionados em discursos sociais e individuais, revelando um campo simbólico marcado por contradições e desafios.

A avaliação dos objetivos propostos neste estudo indica que foram amplamente alcançados. Ao investigar a construção simbólica da mulher no tríplice jornada de mãe, trabalhadora e universitária, a pesquisa conseguiu mapear os semantismos mobilizados nos discursos, evidenciando como essas representações são produzidas, tensionadas e ressignificadas na contemporaneidade. O enfoque teórico baseado na semiótica das culturas e na sociosemiótica proporcionou um quadro analítico robusto para compreender as complexidades simbólicas envolvidas, alinhando os objetivos gerais e específicos à análise efetivamente realizada.

A metodologia adotada, pautada na análise discursiva sob a perspectiva sociosemiótica, mostrou-se eficaz para captar as múltiplas dimensões simbólicas e sociais presentes nos relatos e textos selecionados. Ao focar nos atores sociais, cenários, papéis temáticos e regimes de sentido, foi possível realizar uma leitura

detalhada e aprofundada das formas como a mulher-mãe-trabalhadora-universitária se configura simbolicamente, sem perder de vista os contextos culturais e institucionais que permeiam essas construções. Essa abordagem permitiu transcender análises superficiais e estabelecer conexões dinâmicas entre representações e práticas sociais.

A contribuição dos estudos sociossemióticos para a percepção simbólica da sociedade é particularmente importante, pois eles possibilitam entender os processos de seleção, circulação e disputa dos signos dentro de uma trama social complexa. Ao enfatizar o papel ativo dos atores sociais na produção e transformação dos sentidos, a sociossemiótica oferece ferramentas para perceber como as simbologias são vivenciadas e negociadas no cotidiano, revelando as tensões entre normas institucionais e experiências subjetivas. Nesse sentido, a abordagem sociossemiótica não só enriquece o campo dos estudos culturais e linguísticos, como também abre caminho para intervenções mais sensíveis e críticas nas políticas educacionais e sociais, contribuindo para uma compreensão mais profunda das dinâmicas simbólicas que estruturam a vida social contemporânea.

Retomando os aspectos destacados na introdução, a pesquisa contribui de forma significativa para o campo das Ciências da Linguagem, ao aprofundar a compreensão sobre como os semantismos que simbolizam essa figura são selecionados e negociados em discursos sociais e individuais. Essa análise amplia o entendimento da (re)figuração da mulher, fundamentada nas perspectivas da semiótica das culturas e da sociossemiótica, destacando a dinâmica simbólica que molda sua representação e vivência.

A análise realizada mostra que a mulher-mãe-trabalhadora-universitária é produzida como ator social atravessado por múltiplos papéis temáticos que, embora coexistam, frequentemente geram regimes de sentido conflitantes. A normatividade cultural, ancorada em um regime de programação, impõe expectativas elevadas e idealizadas, projetando a imagem da mulher incansável, quase heróica — um paradigma que, ao mesmo tempo em que afirma sua potência, invisibiliza suas limitações e fragilidades. Esse modelo simbólico é tensionado nos regimes de ajustamento manifestos nos relatos analisados, nos quais as mulheres expressam dificuldades, dúvidas e a busca por reorganizações subjetivas diante das imposições sociais.

No diálogo teórico com Ricoeur (2010), especialmente com o conceito de refiguração, percebemos que a mulher contemporânea está em um processo dinâmico de (re)significação. Essa (re)figuração não é estática, mas uma constante negociação simbólica que incorpora, resiste e reelabora as representações tradicionais. A semiótica das culturas contribui para compreender esse movimento ao revelar os mecanismos pelos quais os símbolos circulam, se reproduzem e se transformam dentro dos espaços sociais, enquanto a sociossemiótica oferece instrumentos para analisar como esses símbolos são performados e disputados pelos atores sociais.

No que diz respeito à formação de professores de Língua Portuguesa, este estudo traz importantes reflexões ao evidenciar que o processo simbólico que circunda a mulher mãe-trabalhadora-universitária ultrapassa o âmbito pessoal e alcança o educacional. Reconhecer as múltiplas demandas e os conflitos vivenciados por essas mulheres contribui para a formação docente sensível à diversidade de experiências, possibilitando a construção de ambientes de ensino mais inclusivos e acolhedores, que valorizem não apenas o desempenho acadêmico, mas também as realidades sociais e emocionais dos estudantes.

Além disso, a pesquisa lança luz sobre os desafios enfrentados por mulheres que vivem essa condição — desafios que envolvem a sobrecarga de papéis, a insuficiência de suportes institucionais e a pressão constante por desempenhos idealizados. Contudo, destaca-se também a capacidade de resistência e reexistência dessas mulheres, que, apesar das adversidades, produzem novas narrativas e simbolismos que rompem com percepções minimizadoras e estereotipadas. Essa produção simbólica é um ato político e cultural fundamental para a transformação dos significados sociais, permitindo que a mulher seja representada em sua multiplicidade e complexidade.

Vale salientar que a pesquisa em questão, constata a realidade de mulheres que convivem em meio a um centro de humanidades, que mesmo vivenciando os desafios mencionados ao longo desta pesquisa, não foi encontrada nenhuma pesquisa voltada a temática, o silenciamento que ocorre de forma inoportuna e imperceptível para aqueles que não os coabitam.

Em suma, esta pesquisa não apenas contribui para o avanço teórico na interseção entre semiótica, linguística e estudos culturais, mas também sinaliza caminhos para práticas pedagógicas e sociais que reconheçam e valorizem a diversidade das trajetórias femininas. Ao trazer à tona as nuances das experiências

da mulher mãetrabalhadora-universitária, reafirma-se a importância de construir simbologias que dialoguem com as reais vivências, fortalecendo o protagonismo dessas mulheres e promovendo uma cultura mais justa e inclusiva.

A contribuição dos estudos sociossemióticos para a percepção simbólica da sociedade é particularmente significativa, pois eles possibilitam entender os processos de seleção, circulação e disputa dos signos dentro de uma trama social complexa. Ao enfatizar o papel ativo dos atores sociais na produção e transformação dos sentidos, a sociossemiótica oferece ferramentas para perceber como as simbologias são vivenciadas e negociadas no cotidiano, revelando as tensões entre normas institucionais e experiências subjetivas. Nesse sentido, a abordagem sociossemiótica não só enriquece o campo dos estudos culturais e linguísticos, como também abre caminho para intervenções mais sensíveis e críticas nas políticas educacionais e sociais, contribuindo para uma compreensão mais profunda das dinâmicas simbólicas que estruturam a vida social contemporânea.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leila Sanches de. Mãe, cuidadora e trabalhadora: as múltiplas identidades de mães que trabalham. **Revista do Departamento de Psicologia. UFF**, v. 19, p. 411-422, 2007.

ALVES, Kristine Renata Medeiros; RESENDE, Gisele Cristina. Reflexões sobre as mulheres que exercem múltiplas funções: papéis sociais, dentro e fora de casa. REH-Revista Educação e Humanidades. Volume II, número 1, jan-jun, 2021, pág.622-631. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/reh/article/view/8576/6145%3E>. Acessado em 20/04/2025.

BADINTER, Elisabeth. O conflito: a mulher e a mãe. Tradução de Vera Lúcia dos Reis. Rio de Janeiro: Record,2011, P. 162.

BARTHES, Roland. Mitologias. Trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. São Paulo: DIFEL, 1987.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. Lei nº 4.121, de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre a situação jurídica da mulher casada. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 29 ago. 1962.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade. Civilização Brasileira, 2003.

CORALINA, Cora. Vintém de cobre: meias confissões de Aninha. São Paulo: Global, 2014.

FULANETI, Oriana de Nadai; PEREIRA, Jessye Késsia de Carvalho. Mulher, maternidade e trabalho: análise semiótica do sujeito-mãe no exame Celpe-Bras. Antares:

Letras e Humanidades, Caxias do Sul: UCS, v. 13, n. 30, p. 157-178, 2021. DOI: <https://doi.org/10.18226/19844921.v13.n30.13>.

GREIMAS, Algirdas Julien. Sobre O sentido: ensaios semióticos. Trad. Ana Cristina Cruz Cezar *et alli*. Petrópolis, Vozes, 1975.

G1 MA. Especial Dia das Mães: maranhenses falam dos desafios entre conciliar a maternidade com a carreira. g1 Maranhão, 14 maio 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2023/05/14/especial-dia-das-maes-maranhenses-falam-dos-desafios-entre-conciliar-a-maternidade-com-a-carreira.ghtml>. Acesso em: 10 de maio de 2025.

LANDOWSKI, Eric. Interações Arriscadas. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

LANDOWSKI, Eric. Sociossemiótica: uma teoria geral do sentido. Galaxia (São Paulo, Online), n. 27, p. 10-20, jun. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/198225542014119609>.

LOTMAN, I. *La semiosfera I*. Semiótica de la cultura y del texto. Selección y traducción del ruso de Desiderio Navarro. Madrid: Cátedra, 1996. [Colección Frónesis]

MASETTI, Maria Fernanda. Coordenadora em escola para cientistas vê maternidade ainda como barreira para ascensão na carreira: 'Desafio de toda mulher'. G1 Campinas e Região, 11 fev. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2025/02/11/coordenadora-em-escola-para-cientistas-ve-maternidadeainda-como-barreira-para-ascensao-na-carreira-desafio-de-toda-mulher.ghtml>. Acesso em: 10 de maio de 2025.

MENENES, Michelle. Mulheres, trabalho e política. Papo de Mãe, 25 abr. 2022. Disponível em: <https://www.papodemae.com.br/noticias/mulherestrabalho-e-politica.html>. Acesso em: 21 abr. 2025.

MOREIRA, Lisandra Espíndula; NARDI, Henrique Caetano. Mãe é tudo igual? Enunciados produzindo maternidade(s) contemporânea(s). Artigos Temáticos. **Rev. Estud. Fem.** 17 (2) • Ago 2009 • <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000200015>. Acesso: 20/04/2025.

Mota-Santos, C., Azevedo, A. P. de., Lima-Souza, Érica. A Mulher em Tripla Jornada: Discussão Sobre a Divisão das Tarefas em Relação ao Companheiro. *Revista Gestão & Conexões*, 10(2), 103–121. 2021 <https://doi.org/10.47456/regec.2317-5087.2021.10.2.34558.103-121>

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa 1: A intriga da Narrativa Histórica*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SANTAELLA, Lucia. NOTH, Winfried. *Imagem, cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1998.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Maria Fernanda. *Mães universitárias relatam os desafios de conciliar trabalho, estudo e maternidade: 'Nunca pensei em desistir'*. g1 Sorocaba e Jundiaí, 13 maio 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2023/05/13/maes-universitarias-relatam-os-desafios-de-conciliar-trabalho-estudoe-maternidade-nunca-pensei-em-desistir.ghtml>. Acesso em: 10 de maio de 2025.

STEVENS, Cristina Maria Teixeira; SWAIN, Tânia Navarro (Orgs.). *A construção dos corpos: perspectivas feministas*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008.

UNIUBE. *Força de mãe: Sara concilia os desafios da maternidade com o sonho da graduação*. G1, 05 ago. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em: 10 de maio de 2025.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a **Deus e a interseção de Nossa Senhora** por ter me guiado com sabedoria para chegar até aqui, iluminando os meus passos, cuidando do meu interior toda vez que cogitei desistir, me dando coragem e me capacitando. Eles foram a minha base, minha luz e meu porto seguro para a realização desse sonho.

Agradeço profundamente ao meu esposo **Jhonatan**, que sempre esteve ao meu lado, me motivando e acreditando que seria possível, por ser meu porto seguro nos momentos de incerteza e tristeza. Que partilha comigo os bons e maus momentos, um amigo, parceiro e pai maravilhoso. Obrigada por acreditar em mim e por ser meu companheiro nessa jornada.

Ao meu pai **João** e à minha mãe **Ângela**, meu maior exemplo de vida, que sempre fizeram de tudo para nunca nos faltar nada, sempre me motivaram e apoiaram. Acreditaram que seria possível, por anos acordados até tarde me esperando chegar em casa, minha rede de apoio, minha base. Aos meus irmãos **Jackson** e **Isabele**, que sempre estiveram ao meu lado, com todo carinho e motivação.

A minha amada avó **Dalvinha** (*in memoriam*). Que do seu jeitinho sempre me ensinou, a senhora sempre estará comigo em meu coração

As minhas queridas amigas e colegas de jornada, **Jairsla Caroline**, **Josiele Soares** e **Laiza Gualberto**, por todo apoio, parceria e amizade.

Aos amigos que juntos dividimos o peso dessa jornada, que entre risos e ônibus quebrados tornaram o longo percurso mais leve.

Ao meu orientador, professor e amigo, **Jackson Cícero França Barbosa**. Sua confiança em mim e no meu potencial fez toda a diferença nesta jornada. Você abraçou a ideia de iniciar um projeto do zero, que significava muito para mim, com

tanto carinho e dedicação, foi mais que um orientador, me deu a mão em um momento sensível, enquanto muitos disseram “É demais para você”, você disse que seria possível. Um exemplo de profissional, com tamanha força e dedicação. Obrigada por tanto!

À minha banca examinadora, minhas queridas professoras **Anilda Costa Alves** e a **Joseane Mendes Ferreira**, por todo o apoio e colaboração durante esses anos de aprendizado, para mim é uma honra imensa tê-las comigo nesse momento especial. E a todos os professores que conheci e tive o privilégio de aprender tanto, minha eterna gratidão.

À minha família e amigos em geral, que em diferentes etapas da minha vida e neste percurso também estiveram comigo me dando apoio e acreditando em meu potencial, agradeço. Essa conquista não é apenas minha, é um tributo a todos vocês que fizeram parte da minha história. Obrigada por acreditarem em mim!

Por fim, a Universidade Estadual da Paraíba, *Campus* III pela oportunidade de realizar este curso e a toda direção e administração que de forma direta ou indiretamente contribuíram para este momento que hoje contemplo.